

INTERDISCIPLINARIDADE COMO CAMINHO PARA A ABERTURA TEÓRICA DO JORNALISMO

INTERDISCIPLINARITY AS A WAY FOR THE THEORETICAL OPENING OF JOURNALISM

ENTREVISTA | INTERVIEW
Gislene SILVA | UFSC | Brasil

Entrevista concedida à **Revista Latino-americana de Jornalismo - Âncora**, no departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC –, pela pesquisadora Doutora **Gislene Silva**. Gislene é JORNALISTA e professora da UFSC. Pós-Doutora em Jornalismo pela Universidade de São Paulo, USP, (2009) e pela Universidad Complutense de Madrid, UCM, Espanha (2016). Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000). Integra o quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Nossa entrevistada é autora do livro “O sonho da casa no campo: jornalismo e imaginário de leitores urbanos” (Insular, 2009) e integra o corpo editorial de diferentes revistas,



Foto: Gislene SILVA

como a Estudos em Jornalismo e Mídia (POSJOR/UFSC), a Comunicação, Mídia e Consumo (ESPM) e a Contracampo (UFF). Gislene foi Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC (2010-2012) e Secretária-Geral da COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (biênio 2013-2015). Suas atividades de pesquisa e docência abarcam principalmente os seguintes temas: crítica de cobertura jornalística, cultura e imaginário na mídia noticiosa, noticiabilidade, teoria do jornalismo. Ela também é líder do Grupo de Pesquisa Crítica de Mídia e Práticas Culturais. A entrevista foi conduzida pela doutoranda da UFSC, Gabriela Cavalcanti Carneiro de Almeida, e pela editora-geral da Revista, Paula de Souza Paes, professora visitante do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba –UFPB.

Palavras-chave | Jornalismo; Teoria do Jornalismo; Interdisciplinaridade; Ciências Sociais; Campo científico do Jornalismo.

Keywords | Journalism; Theory of Journalism; Interdisciplinarity; Social Sciences; Scientific field of Journalism.

ENTREVISTA REALIZADA EM 15 DE ABRIL DE 2019
APROVADA EM 07 DE JUNHO DE 2019



Este dossiê temático coloca em evidência as interfaces do Jornalismo com outras disciplinas, como Sociologia, História, Antropologia, entre outras. Em um momento em que se discute a definição do campo científico do Jornalismo, a interdisciplinaridade seria uma vantagem para afirmação desse campo?

Gislene SILVA

Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil

Para discutir a correlação do Jornalismo com as demais disciplinas, primeiro a gente precisa inserir o Jornalismo no campo maior da Comunicação. Mais do que essas outras disciplinas, ela é marcada por um caráter transdisciplinar. É difícil a Comunicação se mostrar como uma disciplina tão definida como a Sociologia, a Antropologia e a História, que têm mais tradição e estão mais consolidadas. O Jornalismo já está dentro de uma área, que é a Comunicação, atravessada pela transdisciplinaridade. Podemos dizer que essa interface com as áreas das Ciências Sociais sempre existiu, afinal o Jornalismo começou a ser estudado por pesquisadores dessas disciplinas. Agora, no momento em que se discute a definição do campo científico do Jornalismo – e aqui me refiro principalmente a uma preocupação dos estudos brasileiros –, existe uma disputa para ficar independente, como uma busca pela maioria. Mas penso que a transdisciplinaridade sempre foi necessária e continuará a ser, porque o campo do Jornalismo, na sua constituição teórica, em suas teorias mais particulares, não dá conta sozinho de entender esse fenômeno chamado jornalismo. O que podemos pensar como uma vantagem é que, se antes se olhava de lá para cá, hoje você olha de dentro do campo do Jornalismo. São pesquisadores do campo que estudam o jornalismo, que trabalharam com esta prática social, e eles pensam de dentro para fora. Mas esse olhar não oferece o suficiente para romper essa parceria com outros campos. O que se observava lá atrás é a defesa da necessidade de se encontrar, ter seu próprio objeto, sua própria teoria e seu próprio método. Essa é uma definição de ciência que não cabe mais nesse momento inter, multi e transdisciplinar em que a gente vive. A demarcação de uma disciplina por essa perspectiva foi perdendo força em várias áreas. Como os estudos em Jornalismo no Brasil são mais

Se você tiver um objeto, um fenômeno específico para estudar, você pode se auxiliar de outras teorias, de outros métodos para entender aquele fenômeno.

Gislene Silva
Universidade Federal de Santa Catarina

recentes, nós reproduzimos um comportamento que as outras áreas tiveram lá trás. Hoje não existe tanto essa preocupação com demarcação. Se você tiver um objeto, um fenômeno específico para estudar, você pode se auxiliar de outras teorias, de outros métodos para entendê-lo. A diferença é que, como são pesquisadores de dentro do campo, busca-se ajuda a partir da perspectiva interna. Mas, se nos fecharmos nesta perspectiva interna sozinhos, não vamos dar conta de estudar o fenômeno. Então, devemos nos abrir e buscar ajuda das outras teorias. Agora, isso enfraquece a nossa área? Penso que não. Pelo contrário, fortalece ao mostrar quão complexo é o objeto de estudo do Jornalismo.



Objeto de estudo que é a notícia?

Gislene SILVA

Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil

Que é a produção, a circulação, a divulgação, a recepção da notícia. Não é a notícia em si publicada. É a notícia no âmbito da competência, das tecnologias e dos interesses para produzi-la. Depois, há que fazê-la circular, chegar ao público e pensar a recepção. E, claro, é pensar para além dessa própria linha mais visível da produção: o antes da produção, o momento da produção, o produto pronto, a circulação e a recepção. Tem também a questão da empresa que produz e que detém os meios de produção, buscar saber que ator social e político essa empresa é.



O caráter transversal das pesquisas em Jornalismo faz com que nossa área não se limite mais à dinâmica de campo tal qual definido por Pierre Bourdieu? Ou, ao contrário, a noção de campo dá conta ainda das novas estratégias (principalmente editoriais e econômicas) e atores que reconfiguram as propriedades do espaço jornalístico?

Gislene SILVA

Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil

Temos, de fato, duas perguntas aí. Na primeira parte me parece de novo uma visão equivocada do conceito de campo de Bourdieu. Os estudos interdisciplinares e transdisciplinares do Jornalismo não têm relação com a dinâmica de campo pensada por Bourdieu. Ele vai definir campo como um lugar no qual coexistem vários interesses, atores, disputas, conflitos. Vamos pensar o que está dentro do campo da saúde. Temos o serviço público, o privado, a indústria de remédio, as empresas de plano de saúde, as empresas que produzem equipamentos para exames de

imagem, todo mundo disputando espaço, poder, força. O campo não é harmonioso, mas tem definido quem são os atores, quem compete com quem, quem tem mais poder, para onde o campo está indo, quem nesse momento está dizendo para onde o campo vai. Além dessas disputas internas, os campos também brigam entre si. A mesma lógica de dentro de um campo aparece do lado de fora. O campo político age sobre os outros campos e outros campos, como o econômico, também interferem no campo político. Para dar um exemplo com o campo do jornalismo, podemos pensar na sua relação com o campo da arte. O jornalismo age sobre a arte quando publica uma crítica de cinema, quando dá espaço para divulgação de uma peça, quando fala das festas populares. Ele está agindo, influenciando, interferindo no outro campo. Mesmo hoje, em que o jornalismo vive uma crise, a sua força ainda é grande sobre alguns campos e, na análise de Bourdieu, a televisão foi o veículo observado em destaque. Os estudos interdisciplinares não têm força para mudar o campo porque nós estamos no campo da academia. Talvez alguns outros campos consigam, como as engenharias, os estudos de farmácia. Possivelmente esses campos científicos têm uma ação sobre o campo social mais forte do que os nossos estudos. Por isso, penso que os estudos interdisciplinares não fortalecem ou interferem diretamente no campo do jornalismo do qual Bourdieu fala, porque estamos em outro

Sempre a gente corre o risco de, quando fala do campo do Jornalismo, confundir o campo da prática social do jornalismo com o campo acadêmico.

Gislene Silva
Universidade Federal de Santa Catarina

campo, o acadêmico. E o campo dos estudos de Jornalismo não tem tanta força sobre o campo do jornalismo. Agora, se você me perguntar assim: o campo científico dos estudos de Jornalismo está perdendo o seu lugar porque tem muita gente estudando o Jornalismo em programas de pós-graduação de outras disciplinas? Aí

vamos discutir outra coisa. No campo da produção acadêmica o Jornalismo está se espalhando, ganhando interesse em ser investigado. Mas, como disse antes, isto de certa forma sempre existiu. A História sempre estudou a imprensa, também a Sociologia, as Letras. Não está se perdendo nada, pode-se estar ganhando até mais força, mais complexidade. Sempre a gente corre o risco de, quando fala do campo do jornalismo, confundir o campo da prática social do jornalismo com o campo acadêmico, o campo teórico, que é outra coisa. Penso que devemos separar isso do ponto de vista conceitual. Na segunda parte da pergunta você questiona se a noção de campo de Bourdieu ainda dá conta dessas novas estratégias e atores. O conceito de campo continua extremamente válido, porque ele está olhando para um campo social em transformação. Talvez sejam as principais transformações pelas quais o

jornalismo passou desde os anos finais do século XIX até as primeiras décadas do século XXI, mas a ideia de campo continua a dar conta dessas novas estratégias editoriais e atores. O campo está muito mais tenso e, mais do que nunca, em luta e em transformação. É preciso estudar o que está acontecendo com esse campo, mas a ideia, o conceito de campo dá conta de orientar a reflexão. É importante agora estudar para identificar essas mudanças, os novos atores e as novas estratégias.



Você já escreveu anteriormente sobre a imaterialidade do objeto de estudo do Jornalismo. A afirmação desse campo passa também pela melhor definição do objeto científico da área?

Gislene SILVA

Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil

A afirmação do campo científico do Jornalismo passa pela definição do seu objeto de estudo. Quando publiquei este artigo¹, pensei nele como uma resposta que parecia até muito óbvia, mas que senti a necessidade de escrever. Claro que é imaterial, porque o objeto de estudo é uma ideia. Mas, quando eu saí do trabalho da redação e entrei para o trabalho de professora e de pesquisa, as pessoas me diziam assim: “meu objeto de estudo é a revista tal”. E eu falava: “Não é a revista. O que você estuda é uma ideia sobre isso”. Colocar o óbvio à mostra foi o movimento para fazer pensar mais sobre a imaterialidade do objeto de estudo, para nos forçar a fazer perguntas sobre esse objeto que não pode ser a coisa em si. Esse artigo é de 2009, já tem dez anos. Mas a ideia é essa, entender que o fato de existir o veículo, a mídia jornalística, não é suficiente para você dizer que estuda Jornalismo. Você precisaria de esforços teóricos. Não estou falando de um conceito único. Tudo bem, a gente pode dizer que notícia seria o mais importante, mais central. Mas são necessários vários conceitos, como o de cobertura jornalística, matéria, contextualização, fonte oficial, fonte autorizada, todos os conceitos, mesmo os mais

Entender que o fato de existir o veículo, a mídia jornalística, não é suficiente para você dizer que estuda Jornalismo.

Gislene Silva
Universidade Federal de Santa Catarina

¹SILVA, Gislene. Sobre a imaterialidade do objeto de estudo do Jornalismo. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós**, Brasília, v.12, n.2, maio/ago. 2009.

vinculados à prática, como apuração. É uma preocupação teórica para que esses conceitos não sejam usados com seus significados apenas do senso comum. É uma questão muito difícil, precisa ser mais estudada. Em outro trabalho meu, também de 2009, tentei trabalhar uma definição de notícia.² Dizia, então, que precisamos pensar um *conceito expandido de notícia*. A notícia não é uma notinha, ela está em vários lugares do jornalismo. No obituário que o jornalista escreve tem notícia. Mas, para isso é fundamental mais estudos. O Tobias Peucer teve realmente uma percepção genial. Em 1690 ele conseguiu dizer o que é o jornalismo em 29 parágrafos curtos. Mas é isso, de 29 a 35 marcadores para definir o que é o jornalismo. Para finalizar, esse escrito sobre imaterialidade foi em

O que acontece é que, como a mídia entrou de uma maneira intensa na nossa vida, é difícil identificar o comunicativo e o comunicacional.

Gislene Silva
Universidade Federal de Santa Catarina

função de minha irritação, do meu incômodo com os que diziam que tinham objeto de estudo quando eles elegiam o veículo tal para estudar, um programa de rádio específico, mas esses são materialidades que se oferecem como objeto empírico, mas não são um objeto de estudo. Então,

reforçando, o objeto de estudo seria uma ideia sobre algum aspecto da prática jornalística que se quer conhecer.

ÂNCORA

Então como se distanciar de uma perspectiva midiacentrista, centrada nos produtos midiáticos, e até mesmo tecnodeterminista nas pesquisas da área do Jornalismo e Comunicação?

Gislene SILVA

Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil

A crítica ao midiacentrismo é muito forte na área da Comunicação, em se tratando dos estudos brasileiros. Ao tentar marcar o campo da Comunicação, alguns teóricos argumentam: “para ser um objeto de estudo da disciplina Comunicação tem que ser algo que usa uma tecnologia. O que for um processo comunicativo, fora das mídias, não

²SILVA, Gislene. O fenômeno noticioso: objeto singular, natureza plural. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 6, n. 2, p. 9-15, 2009.

interessa". Para esses estudiosos, o diálogo entre duas pessoas não interessa, nem mesmo algumas experiências comunicativas em grupo, ou de uma comunidade, a comunicação interpessoal. Outros pesquisadores vão dizer: "a comunicação tem que ser estudada a partir da ideia do que é comunicar, com mídia ou sem mídia". E esse seria seu objeto: o que é comunicar? O que é o processo comunicacional? Os que se calçam na mídia pensam que essa abordagem é muito ampla, porque por essa perspectiva seria comunicação tudo o que está em inúmeras ações e gestos de nós humanos, que vivemos em sociedade. Você ministrar uma aula é um processo comunicativo. Nesse momento do passado, a separação era entre o comunicacional, tudo que passa por um meio tecnológico, e o comunicativo, tudo que não precisa de um meio tecnológico. Esse embate não tem solução, não tem fim. Mas, de certo modo, a mídia ganhou. O campo foi cada vez mais se consolidando em torno das mídias. O que não quer dizer que você não vai tirar proveito dos estudos comunicacionais. Todo processo midiático passa por um processo comunicativo. O que acontece é que, como a mídia entrou de uma maneira intensa na nossa vida, é difícil identificar, separadamente, o comunicativo e o comunicacional. Nas primeiras pesquisas brasileiras, existiam os estudos de comunicação das comunidades. As questões de algumas dessas pesquisas eram sobre como os técnicos agrícolas se fazem entender junto aos agricultores, como na área rural lá da Amazônia se constituíam redes de Comunicação. E esses problemas interessam para a comunicação. Quando fechamos o objeto no que é somente a partir da mídia, pelo rádio, pela televisão etc., empobrece-se o campo. Você pode se comunicar em um ambiente ou comunidade, por exemplo em uma em que a energia elétrica não chega, de um jeito que não passe por mídia nenhuma. Penso que já não podemos escolher uma perspectiva ou outra, principalmente porque não sabemos identificar o início e o fim do que é comunicativo e do que é comunicacional. O conceito de bios midiático, do Moniz Sodré, é bastante interessante para pensar esse embate, para fazermos uma reflexão: o que comunico em uma mesa de bar, com amigos de um grupo de leituras ou mesmo numa entrevista tem a ver com uma coisa entre nós, os atores do processo de comunicação ou isso eu peguei da mídia e trouxe para cá? É como perguntar quem veio primeiro, o ovo ou a galinha. Misturou-se à comunicação de tal maneira que não cabe mais se fechar em um ou em outro. Essa briga é um pouco por demarcação, por poder. Voltamos para Bourdieu. Os cientistas que têm mais poder dão a tônica no campo. A ciência, o pensamento científico

é resultado de estudos e também de ações políticas e econômicas, de financiamento, de estrutura, de status. Um programa de pós-graduação com nota baixa na avaliação da Capes, mas com status positivo, vai ter sempre uma fila de candidatos querendo fazer parte dele, tanto discentes quanto docentes. Mas é importante avançar nesse debate. A crítica que se pode fazer aos estudos de Jornalismo é a de que são fixados nos produtos publicados. A princípio, não vejo o estudo da mídia jornalística como midiacentrismo. Se você estuda a recepção de um veículo, que é mídia, ou as influências pessoais dos editores na produção de um veículo específico, a mídia continua no centro. Nosso problema é a materialidade do produto, que não deixa fazer perguntas mais interessantes. Fica muito fechado na análise do produto em si ou da profissão. Quando isso acontece, não permite um olhar mais aberto a respeito daquela mídia como um ator político. Você pode olhar o Jornal Nacional em décadas passadas para entender a força que ele ainda tem como ator político hoje. Vai estudar as edições do telejornal, mas a questão do estudo é para além da análise do produto. Pode conversar com estudiosos, com o produtor do programa, com jornalistas, editores. Também é possível acompanhar o processo de produção. O problema não é a mídia em si. É difícil você pensar o jornalismo se não a partir de uma prática social midiática, porque o jornalismo é isso. Ele tem periodicidade, circula entre as pessoas. Não é problema se estudar o produto, claro. Agora, a partir disso você precisa fazer outras perguntas. Por que você assina esse jornal? Qual sua relação com ele? Você assina quantos veículos? Quantos veículos você lê? Por que você lê notícias? Você vai tratar de veículos, de mídia, mas tem perguntas muito mais complexas. Não importa focalizar ou estudar uma prática específica a partir da leitura de um veículo. Importa a pergunta que se faz. O importante são as correlações feitas entre o produto estudado, a prática e questões maiores da sociedade. É por isso que conversar com outras áreas ajuda a entender o fenômeno do jornalismo. Respondendo sobre o tecnodeterminismo, penso ser um deslumbramento, o que sempre existiu. Falava-se em como o rádio conseguia ir longe até chegar a televisão, depois veio a internet. De todo modo, não se pode negar o lugar da tecnologia. O jornalismo sempre precisou de tecnologia para se fazer chegar aos seus públicos. Claro que existem problemas nesse deslumbramento. Com a internet, todo mundo pode produzir o seu jornalzinho? Facilitou, mas não é tão simples assim. Alunos recém-formados da UFSC se juntaram para criar um coletivo de imprensa para cobrir Florianópolis de um modo que os veículos locais não fazem, com

pautas não interessam à imprensa tradicional, mas é muito difícil distribuir, mesmo com a internet. Não dá para entender o jornalismo sem tratar de financiamento, a sobrevivência econômica desses meios. O problema, tanto para o midiacentrismo como para o tecnodeterminismo, é o “ismo”, o exagero. O jornalismo vai depender de alguma forma de tecnologia, mesmo que seja para pregar um jornalzinho no poste.



Para você, uma forma de se distanciar desses “ismos” é lançar perguntas ao objeto de estudo que englobem, para além da mídia e da tecnologia, também questões políticas, sociais e econômicas?

Gislene SILVA

Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil

É entender, e vou insistir nisso, que precisamos abrir a teoria do Jornalismo. Caso contrário, ela vai ficar muito fechada em cima da técnica, do produto ou da profissão. Mas é preciso ter cuidado. Estudar como um aspecto específico da técnica age na notícia, na sua produção, circulação ou onde for, tem validade. Estudar um conceito em um trabalho só teórico é válido. Na discussão do nosso campo tem um desespero para tentar dizer o que é a teoria do Jornalismo. Acho que até a Física não quer mais uma teoria geral. Estamos na caça de uma teoria geral, no sentido de dizer o Jornalismo é isso e pronto. Você acha que um botânico, ao estudar um aspecto de determinada planta, se preocupa se isso está dentro ou fora da área da botânica? Ele quer entender esse aspecto, esse fenômeno, e isso é importante. Agora, ele também tem que entender como o clima afeta essa planta ou praga. Essa combinação entre os aspectos mais amplos com os muito particulares é que vai constituir o campo. Dizer o Jornalismo tem que ser isso! Cadê o conceito? Vamos fazer um consenso, vamos levantar a mão e votar o que é notícia, o que é Jornalismo? O conhecimento não é produzido assim. Por isso não considero um problema você estudar algo muito técnico ou um aspecto específico demais. O problema é levar todo um campo para esse lado. Uns estudam as questões mais tecnológicas, outros estudam as questões mais sociais. Somando isso tudo, estamos estudando Jornalismo.



Você acredita que as pesquisas em Jornalismo tendem a abordar

menos o potencial das práticas jornalísticas, na sua capacidade de acompanhar a dinâmica da sociedade, do que as transformações tecnológicas que perpassam o espaço da prática jornalística?

Gislene SILVA

Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil

Generalizar é complicado, não tenho estudos sobre o assunto, mas penso que sim, a tendência é abordar mais as transformações tecnológicas. Existe aí uma força muito grande da tecnologia e da inovação movida principalmente pelo evento internet. Isso já existia? Sim, mas não era tão forte. Se você pensar de 1980 até 2000, não teve tanta transformação tecnológica. Houve mudanças que a gente não percebe, como um sinal de rádio mais potente, melhor qualidade da imagem na televisão. Antes o fotógrafo tirava as fotos e voltava para a redação para revelar o filme. Claro, o digital vai ajudar na produção. Só que com ou sem fotografias de melhor qualidade o leitor continuava a receber a revista do mesmo jeito, o caminhão ou o avião continuava entregando o exemplar. No tempo em que eu me formei, não havia mesa de edição na faculdade. A gente fazia os programas de televisão com os entrevistados em fila. Um dava a entrevista e ia embora e assim seguia, com tudo programado sem edição. Fui trabalhar em redação com máquina de escrever. O computador mudou quando não tinha internet? Não mudou tanta coisa. Você digitava mais rápido, levava daqui para o arquivo, não precisava ficar apagando com borracha e não tinha que jogar o papel fora. Para a arte, ficou mais fácil diagramar, contar caracteres e colunas. Mas e o leitor? Ele não ficava sabendo de nada. A questão da circulação pelo ambiente *online* foi a grande mudança. Você fala assim para o telespectador: pode assistir esse programa em outro horário, na hora em que você quiser. Inclusive, nem é necessário um aparelho de televisão para isso. Ou diz para o assinante da revista e jornal, assine a versão digital. Com certeza está se falando muito mais da transformação tecnológica nos últimos oito ou dez anos do que se falou em quarenta anos, porque estamos em um momento de grande mudança. Quando a forma de receber notícia se modifica, com mais gente capaz de colocar informação em circulação, isso mexe com os detentores, ou melhor, com os autorizados a produzir notícia. Mas também torna essa produção mais barata para eles, porque no passado era muito caro. Você tem que pagar o repórter, pagar deslocamento para ele fazer a matéria,

ele tem o tempo para escrever, o correspondente tem que mandar a fita com as imagens, era um processo custoso. Hoje, com um celular o repórter faz tudo sozinho e ainda entra ao vivo a qualquer hora. O que significa ter um telefone celular? Ou uma redação em que todo mundo pode ter um telefone na sua mesa? No meu tempo, a redação tinha cinco linhas. Nos aparelhos telefônicos tinham seis quadradinhos brancos, parecidos com gelinhos, quando um deles estava aceso se sabia que alguém estava usando. Quando a pessoa colocava o telefone no gancho a luz apagava e outro repórter já corria para pegar a linha. A tecnologia sempre foi importante, ela acompanha a história do jornalismo e é fundamental para a produção. Só que agora ela mexeu com tudo, então ela passou a ser muito visível e ganhou mais relevância.

Alterou muito o processo de produção, em especial, as estratégias de apuração e os modos de distribuição, de circulação e recepção. A web passou a redimensionar o campo e reconfigurar os seus atores de modo que os pesquisadores precisaram ficar

Com certeza está se falando muito mais da transformação tecnológica nos últimos oito ou dez anos do que se falou em quarenta anos, porque estamos em um momento de grande mudança.

Gislene Silva
Universidade Federal de Santa Catarina

mais atentos a ela, e as questões sociais ficaram meio esquecidas nos estudos. Mas, à vezes, momentos de recrudescimento obrigam o jornalismo a ser melhor. Para enfrentar a ditadura tivemos uma produção intensa, bastante interessante. Não estamos passando por questões iguais às da ditadura, mas vivemos um momento difícil e isso vai pegar o jornalismo. Vamos precisar repensar o fazer e mesmo o pesquisar. Vai ser preciso questionar a relevância de ficar estudando só tecnologia em um momento desses. A pesquisa, me parece, irá se voltar para as relações e ações do jornalismo no âmbito das políticas. Certamente o campo social-político interfere nos nossos estudos. Tenho a impressão de que nos congressos, nos eventos de que tenho participado, há uma preocupação mais política e social ganhando força. Não quero dizer que só se deve estudar as questões amplas da sociedade. Uma perspectiva que ajuda em qualquer análise que a gente faça é a ideia de que lidamos com algo paradoxal, ambivalente e complexo.



Seu doutorado foi realizado nas Ciências Sociais, mais especificamente em Antropologia. Dessa forma, como você percebe as contribuições teóricas ou metodológicas da Antropologia para o Jornalismo?

Gislene SILVA

Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil

A Antropologia mudou minha forma de trabalhar em três aspectos da vida profissional: primeiro como jornalista; depois como estudiosa da *Globo Rural*, no doutorado, que era a redação na qual eu trabalhava; e, por fim, ajudou a formar a perspectiva que tenho como professora e pesquisadora de Jornalismo. Como jornalista, contribuí de forma fantástica para eu aprender a lidar com o outro, ouvir o outro. A Antropologia te oferece maneiras de como chegar naquele que é diferente de você e de como respeitar essa diferença. Eu trabalhava em uma redação inserida na área urbana de uma metrópole, mas cobria pautas rurais. Este aprendizado me ajudou nessa passagem entre mundos diferentes. Outra questão clássica da Antropologia, senão a principal, é a relação natureza e cultura. Então, ao fazer uma matéria com algum produtor rural, procurei entender para além da parte técnica, agrícola, e fazer perguntas para além do habitual. Precisava entender a cultura do lugar e das pessoas da região, saber a descendência daquele produtor, perceber o estado em que ele vive, se a família teve acesso à educação ou não. É respeitar a cultura, porque esse produtor muitas vezes não era alfabetizado, mas ele tinha uma sabedoria importante. A palavra de um engenheiro agrônomo não pode valer mais do que a dele. Entender a cultura para além do erudito. Cultura é o jeito de comer, é o popular, a forma de produzir um banquinho ou de podar uma planta. Também o ato da entrevista me auxiliou muito a chegar em um lugar diante de uma pessoa que nunca havia visto e me fazer entender e entender esse outro. Este olhar mais respeitoso para a diferença aprendi porque estudava Antropologia enquanto trabalhava, mas não quer dizer que outros repórteres não fizessem o mesmo. Não são atributos que apenas a Antropologia pode te oferecer, mas minha experiência foi assim. Estudando a revista *Globo Rural*, meu local de trabalho, a Antropologia me fez entender que muitas pessoas que assinam a revista não o fazem na perspectiva de quem está vendendo e produzindo, somente econômica. A equipe da revista oferecia matérias para pessoas que vivem, produzem e comercializam na área rural. Mas havia uma parcela grande dos leitores que vivia na metrópole, não tinham

terras e não plantavam, nem mesmo uma plantinha na varanda, mas assinavam a revista. Depois a *Globo Rural* migrou para uma linha editorial voltada para o *agrobusiness*, com a ideia de que eram as pessoas do agronegócio que comprariam a revista, que assim a publicação venderia mais. Mas não é bem isso. No fundo, eles preferem produzir para um público menor, cobrando mais caro pelo produto e pela publicidade do que produzir para um público maior, com um valor mais baixo da edição e pautas circunscritas no Brasil agrícola. Ora, a revista chama *Globo Rural* e não *Globo Agrícola*. Então, a pesquisa sobre a revista na área da Antropologia permitiu perceber que a relação do receptor, do leitor com o veículo ou do ouvinte com determinado programa de rádio, vai muito além do que uma teoria simples de Jornalismo consegue explicar. Quando se estuda a necessidade de se ler notícia, você pode colocar dez teorias do Jornalismo que não explica isso. Só as teorias muito particulares do Jornalismo não dão conta de explicar porque a gente se interessa por notícia. Você vai precisar de teorias de vários outros campos, ao final, como professora e estudiosa do Jornalismo, essa percepção que a Antropologia me ofereceu, tanto como repórter quanto como estudiosa da *Globo Rural*, me fez pensar que a teoria do Jornalismo precisa se abrir, não se fechar em si mesma. Por isso, eu insisto na ideia de abrir a teoria. Ela deve ser mais ampla para a gente entender o fenômeno da produção e circulação de notícias.

ÂNCORA

Muitos alunos do nosso Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFPB se interessam pelo trabalho de campo e o método etnográfico, uma vez que eles se encontram no mercado de trabalho. De que maneira esse método pode contribuir com o olhar do pesquisador da área do Jornalismo?

Gislene SILVA

Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil

O uso da etnografia nos estudos de Jornalismo tem um lado que me incomoda, quando quem faz o estudo diz que vai para o campo, para o trabalho etnográfico por uma semana ou dois dias. Mas o

Você pode dizer que seu método é inspirado no etnográfico, mas fazer de fato etnografia é muito difícil.

Gislene Silva

Universidade Federal de Santa Catarina

lado interessante desse método para o nosso campo é que ele faz você largar o produto e ir para a rua. Isso é bom, obriga o pesquisador a conversar com as pessoas que produzem ou com as que recebem a notícia, principalmente no caso dos estudos de recepção, porque não temos muitos estudos nessa linha. Mas é preciso cautela ao usar métodos e teorias de outras áreas. Não estudamos a fundo a etnografia e, às vezes, seu uso é simplista. Eu até brinco, você pode dizer que seu método é inspirado no etnográfico, mas fazer de fato etnografia é muito difícil. É necessário tempo e um esforço de frequentar o ambiente observado. Acredito que existe um abuso, um trato ligeiro sobre o que seria a etnografia. Mas esse movimento de desfocar do produto em si para as pessoas envolvidas no processo de produção e recepção é muito importante para nosso campo. Talvez seja justamente o fato de ir ao outro que nos encanta na etnografia. Só precisamos entender que isso não necessariamente será a aplicação do método.

ÂNCORA

Já falamos sobre as contribuições de outras áreas para o Jornalismo, agora como você percebe a contribuição do nosso campo científico para as demais áreas das Ciências Sociais?

Gislene SILVA

Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil

Penso que nós temos um objeto particular e não duvido disso hora alguma. Acredito que temos teorias muito fechadas, mas o principal, que é um objeto muito particular que produz, circula e recebe notícia, nós temos. Então, acredito que combinar nossas teorias com as dos outros campos permite entender melhor o fenômeno do jornalismo. Nossa contribuição para os demais campos interessados pelo jornalismo é dar elementos que possam facilitar a percepção das particularidades da engrenagem da nossa prática. Em um capítulo³ para um livro da área das Ciências Sociais essa proposição foi trabalhada, voltada para pesquisadores que usam produtos jornalísticos como objeto empírico. Nesse capítulo tem um pouco do que desenvolvi em outro texto sobre um protocolo⁴ metodológico para analisar cobertura jornalística. O que podemos oferecer primeiramente seria isso, mostrar como é que a engrenagem funciona,

³SILVA, Gislene; Pontes, Felipe Simão. Mídia noticiosa como material de pesquisa: recursos para o estudo de produtos jornalísticos. In: **Pesquisa em Ciências Sociais: interfaces, debates e metodologias**. Jussara Ayres Bourghignon; Constantino Ribeiro de Oliveira Junior (Orgs.). 1aed. Ponta Grossa, PR: TODAPALAVRA, 2012. p. 49-77.

⁴SILVA, Gislene; MAIA, Flávia Dourado. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **Rumores** (USP), v. 10, p. 18-36, 2011.

porque disso entendemos muito bem. Os outros campos nos dão elementos mais amplos para pensar a sociedade e por isso conversamos com eles. Acho que os artigos que escrevi em 2015⁵ e em 2018⁶ podem ajudar a responder esta pergunta. *A engrenagem da noticiabilidade no meio do redemoinho* é uma imagem inspirada em Guimarães Rosa, “o diabo na rua no meio do redemoinho”, no meio de uma confusão. Neste texto de 2018, que é um esforço de explicação de meu entendimento a respeito de noticiabilidade, tento mostrar que é possível estudar noticiabilidade por dois níveis, o interno e o externo. Quando afirmo que valor-notícia funciona plenamente, estou falando sério. Funciona mesmo. Quanto mais valor-notícia, mais peso tem. Como exemplo, vou falar dos valores-notícia na *Globo Rural*. Quanto mais inovador, econômico, inédito etc. mais a notícia tem chance de sair na capa. Esse é o nível interno. Valor-notícia é algo que está no acontecimento, na força do que vem. Caso o Pelé amanhã quebre a perna ele

vai ser a capa de tudo porque ele é o Pelé; quando cai um avião com um time inteiro de futebol, como o da Chapecoense, é assunto de capas de toda a imprensa e continua sendo notícia por muito tempo. Por isso, há concordância com a teoria de que existem acontecimentos com maior ou menor peso de notícia. Quanto mais pesado noticiosamente for o acontecimento, mais chances ele tem de ir para a manchete, de sair

Penso que nós temos um objeto particular e não duvido disso hora alguma. Acredito que temos teorias muito fechadas, mas o principal, que é um objeto muito particular que produz, circula e recebe notícia, nós temos.

Gislene Silva
Universidade Federal de Santa Catarina

em vários veículos e passar mais tempo circulando como notícia. O que estou querendo dizer é que o acontecimento traz nele o peso do valor-notícia. Claro que isso tem uma correlação direta com o tempo histórico. Uma mulher de biquíni fio-dental em alguma praia brasileira não será notícia, mas caso ela faça *topless* será. O inverso pode ocorrer se essa mulher estiver em uma praia da Europa. Este outro nível da noticiabilidade, o externo, a interface com a sociedade. Sabemos que muitos dos acontecimentos têm peso como notícia porque a nossa sociedade é machista, por exemplo. Por isso a noticiabilidade precisa ser estudada na sua engrenagem, no modo como opera a produção e circulação de notícias e no que ela tira e no que ela devolve para a sociedade. É isso que podemos oferecer para as Ciências Sociais, esse conhecimento específico sobre como a engrenagem funciona, que envolve o fator econômico, as competências, a formação profissional, as técnicas, as linhas editoriais, as

⁵SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 2, n. 1, p. 95-107, Florianópolis, 2005.

⁶SILVA, Gislene. A engrenagem da noticiabilidade no meio do redemoinho. **Revista Observatório**, v. 4, n. 4, p. 308-333, 2018.

INTERDISCIPLINARIDADE COMO CAMINHO PARA A ABERTURA TEÓRICA DO JORNALISMO

angulações etc. Acho que podemos oferecer muito, porque temos um objeto que não é eleito por ninguém como o principal. Quando o sociólogo estuda o jornal, ele está querendo observar a sociedade, o historiador quer ver o movimento da história, o antropólogo quer ver algum aspecto da cultura, o educador o potencial pedagógico-didático. Cada um olha do seu lugar e o nosso lugar é o do pertencente e, portanto, conhecedor desse funcionamento interno do processo noticioso. Se o pesquisador em jornalismo ficar fechado em seu objeto particular e se não conversar com a política, com a história, com a economia, não vai compreender a sociedade brasileira, não conseguirá entender este fenômeno social complexo, em suas práticas específicas naquele tempo, naquele lugar.

